

Passarelas e perolones: mediações transformistas na avenida Libertador, Caracas

MARCIA OCHOA

University of California Santa Cruz | Santa Cruz, CA, Estados Unidos
marcia8a@ucsc.edu

Tradução: THIAGO OLIVEIRA 

Pesquisador independente | São Paulo, SP, Brasil
oxe.thiago.oxe@gmail.com

Introdução¹

No documentário *Trans*, produzido por Manuel Herreros e Mateo Manaure em 1983, em Caracas, aparece uma transformista² que ainda era famosa quando eu trabalhava na Avenida Libertador, vinte anos depois. Seu nome era Venezuela. Ela termina com uma dublagem sedutora da canção de grande sucesso “Fame”, de Irene Cara. Banhada pelas luzes vermelhas da discoteca, Venezuela toma um gole de uma bebida e, reclinando o copo no balcão, vira-se para a câmara e diz: “Mi nombre es Venezuela. Soy una transformista. Trabajo aquí en este nightclub. Es mi medio, pero no es mi meta” (Venezuela, no documentário *Trans*, 1983).³

A boate, que é o seu meio, mas não o seu objetivo, é uma das muitas que existiram e caíram no esquecimento no bairro de Sabana Grande, em Caracas. É aqui que a Venezuela bebe, faz o seu espetáculo, provavelmente esconde-se das patrulhas e, muito possivelmente, exerce o trabalho sexual. Quando cheguei a Caracas, a boate já não existia e a Venezuela tinha morrido, embora continuasse viva devido à sua fama. Outra geração de

¹ Nota do tradutor: A primeira versão deste texto foi publicada em 2011, na Revista Íconos, da FLACSO Equador. “Pasarelas y perolones” foi originalmente escrito no início dos anos 2010 e a discussão que apresenta é parte de um contexto social e político de formação de consolidação política das identidades e performances de gênero, razão pela qual algumas das formas de identificação utilizadas pelas interlocutoras de Ochoa podem parecer descontextualizadas quando consideradas a taxonomia, experiências e regime político atual, especialmente no Brasil. No processo de tradução, muitas das terminologias e referências foram mantidas como estratégia de não descaracterização desse momento e, quando necessário, foram glosadas em notas como esta. É preciso atentar especialmente para as categorias transformista e travesti que percorrem registros paralelos, mas com históricos e referentes culturais distintos entre Brasil, Venezuela e outros países falantes do espanhol na América Latina, como Peru e Colômbia.

² Transformista não tem um sentido único na Venezuela neste artigo e em outras partes do mundo falante de língua espanhola. Na Venezuela, transformista é uma categoria de gênero que se refere a pessoas designadas com o gênero masculino e transformam-se em mulheres ou “chicas de aparência feminina”. O trabalho sexual frequentemente faz parte de sua identidade. É importante notar também que na Venezuela nem todas as mulheres trans reconhecem a si mesmas como transformistas ou exercem o trabalho sexual. Vogel (2009) também discute o conceito de transformista no contexto venezuelano.

³ Tradução: “Meu nome é Venezuela. Sou uma transformista e trabalho nesta boate. Este é meu meio, mas não meu objetivo”.



transformistas tinha chegado e outra ainda estava para vir. Havia outros bares em Sabana Grande que serviam de local de descanso, para fugir da polícia e para montar os espetáculos dramáticos e interpessoais da vida das transformistas. Entre as que conheci, àquela altura, a maioria já não fazia espetáculos como os de Venezuela, mas continuavam a trabalhar na Avenida Libertador.

Encontrei mulheres trans em Caracas em muitos lugares fora da Avenida Libertador, nas suas casas, em hotéis, apartamentos, cabeleireiros, ONGs e bares. Estes diferentes lugares deram-me um retrato variado das experiências das mulheres trans. Neste artigo, no entanto, vou me concentrar nas transformistas que ocupam o espaço da Avenida Libertador como trabalhadoras sexuais. Embora a Avenida Libertador não seja o único local onde elas se dedicam ao trabalho sexual, refiro-me a este local porque é o mais visível em termos de presença trans na cidade. Quando eu perguntava sobre a presença de transformistas na avenida, minhas interlocutoras diziam que estavam lá “a vida toda”.

Para a maior parte dos meus interlocutores, que não conheceram uma Caracas sem a Avenida Libertador, este é o caso. Mas a existência da Avenida Libertador é relativamente curta - foi concluída em 1966. Como as transformistas vieram parar nesta avenida? Parece que ninguém sabe. A presença delas na avenida faz parte da lógica do espaço. Pode dizer-se que as transformistas na av. Libertador se tornou algo habitual em Caracas, e a sua visibilidade no país está indissociavelmente ligada à prática do trabalho sexual nesta avenida.

Este artigo investiga, por meio de uma genealogia particular da teoria queer, a presença trans na Avenida Libertador. As principais questões que busco responder são: como as transformistas criam o seu lugar na Venezuela? Qual é o lugar da Avenida Libertador na produção do espaço e da identidade trans em Caracas? Que lugar tem a avenida – e as transformistas – na produção da modernidade na Venezuela? Os métodos de análise que utilizo foram desenvolvidos através do projeto de estudo do qual este artigo faz parte, o que inclui: observação-participação combinada com a distribuição de preservativos e materiais de prevenção ao HIV na Avenida Libertador durante sete meses entre 2002-2003; entrevistas não estruturadas como parte da observação-participação; pesquisa nos arquivos do Colegio de Ingenieros de Venezuela e nos arquivos do Ministério das Obras Públicas; análise de gravações feitas na avenida; e, finalmente, revisão de mapas oficiais da avenida e passeios pela avenida durante o dia para compreender a configuração do espaço.

Argumento que é fundamental compreender as minorias sexuais e as redes sociais trans no quadro do longo processo de produção da modernidade e dos seus contextos. Por esta razão, não é suficiente “estudar” núcleos sociais de pessoas transfemininas, como é frequentemente feito na antropologia (cf. Kulick, 1998; Prieur, 1998). Esses estudos centram-se nas relações interpessoais das mulheres trans, mas não se preocupam com as forças estruturais que sobredeterminam tais relações: a pobreza, a misoginia, as racializações que ocorrem nos processos de urbanização, modernidade e nacionalidade. As pessoas trans, como sujeitos destes processos, iluminam muito mais do que as crises de gênero e machismo que tanto nos têm preocupado na antropologia e nos estudos de gênero. Sendo assim, concentro-me nos detalhes do processo de construção da avenida e

no seu significado na modernidade venezuelana, bem como nas táticas de ocupação trans do lugar. Elaboro os vários lugares e posturas que as transformistas fizeram uso em suas negociações com este meio e proponho a possibilidade de um outro, ainda em desenvolvimento. Neste sentido, levo a sério o conceito de *pasarela*, em sua acepção como algo concreto, mas também como o ato de desfilar. Nas sombras deste artigo, circula sempre o perolón [camburão], a viatura policial usada para levar presas as transformistas da avenida. Entre a *pasarela* e o perolón, as trans da avenida Libertador criam as condições para sua sobrevivência. Algumas conseguem se tornar lendas, como a Venezuela - que tinha isso como meio, mas não como objetivo -, outras não.

Pensando o queer na Avenida Libertador

O trabalho etnográfico que realizei na Avenida Libertador parte de uma perspectiva de identidade e teoria queer desenvolvida nos Estados Unidos. A minha experiência e formação como imigrante latino-americana nos Estados Unidos é um produto dos processos e políticas de modernização do século XX na região.⁴ Estes processos marcaram a minha abordagem como pesquisadora, bem como o processo de adaptação às racializações e sexualidades estadunidenses. No âmbito destes processos, participei em diferentes genealogias da chamada teoria queer. Depois de vários encontros com pesquisadores latino-americanos interessados no tema, fiquei surpreendida com as diferenças nas nossas bibliografias. Na América Latina, parece ser praticada uma teoria queer muito mais “anglo” do que aquela que aprendi ao ensinar e trabalhar com os movimentos LGBT dos Estados Unidos desde meados da década de 1990 até a atualidade. Entrei naquilo a que chamaria teoria queer a partir de Gloria Anzaldúa e seu maravilhoso livro bilingue *Borderlands/La Frontera* (1987), de Audre Lorde e *Sister Outsider* (1984), bem como da sua “automitografia”, *Zami* (1982). Estas mulheres – que apresentavam a si mesmas como “lésbicas de cor” – publicaram, no início da década de 1980, os livros que me ajudaram a compreender o que era ser imigrante, de cor e fora das normas sexuais e de gênero americanas. A partir destas leituras, formei uma ideia de sexualidade que não pode ser separada de outras categorias sociais, como a raça, a nação ou o estatuto social. O conceito de queer que utilizo reúne estes sentidos de alteridade radical nas negociações íntimas do poder.

Não pretendo aplicar a categoria queer como um descritor de qualquer comunidade venezuelana. Utilizo ferramentas teóricas queer para informar a minha análise. O projeto do qual este artigo faz parte utiliza a teoria queer butleriana e os seus conceitos de “performatividade de gênero” (cf. Butler, 1990; 1993; 1997; 2004) para abordar a performance da feminilidade entre as transformistas, por um lado, e as participantes no concurso nacional de beleza da Venezuela, por outro. A abordagem queer não se refere apenas às mulheres trans (transformistas, travestis e transexuais), com quem convivi na Venezuela, mas também às *misses* - as rainhas da beleza nacional. Assim, todos nós lidamos com a produção de gênero nas nossas vidas. As pessoas que se designadas do sexo feminino

⁴ Em outro artigo, sobre as transformistas e cidadania em Caracas (Ochoa, 2004), elaboro o conceito de localização e desenvolvo um pouco mais essas influências.

e que se apresentam como mulheres também têm de lidar com a performance da feminilidade de alguma forma.⁵ Em alguns casos, recusamo-nos a performar as feminilidades hegemônicas e/ou heteronormativas e, em outros não. Este estudo não separa a produção de gênero das transformistas (e de outras mulheres trans) da produção de gênero de qualquer outra mulher. Centra-se na performance da feminilidade para compreender os enquadramentos tecnológicos, midiáticos e ideológicos que a acompanham.

Mas, Para além da produção de gênero e da crítica da heteronormatividade, a teoria queer trouxe outras ferramentas para este estudo, particularmente pela junção da teoria queer com os estudos raciais e étnicos nos Estados Unidos.⁶ Um texto que representa esta junção em termos do meu trabalho é o livro *Queer Latinidad* (2003) de Juana María Rodríguez. Rodríguez utiliza a “latinidade” como um local de colisão de “diferentes discursos da história, geografia e práticas linguísticas”. A latinidade serve para “definir uma particularidade geopolítica, mas também contém as complexidades e contradições da imigração, do (pós) (neo)colonialismo, da raça, da cor, do estatuto jurídico, da classe social, da nação, da língua e da política de localização” (Rodríguez, 2003: 9-10, tradução minha). Neste sentido, a categoria vai além da política de identidade para compreender uma genealogia de subjetividades produzidas por estas histórias e práticas. Queer, para Rodríguez, serve para abrir linhas de investigação sobre as sexualidades e subjetividades sexuais produzidas e praticadas através destes processos. Licia Fiol-Matta, no seu trabalho sobre a figura de Gabriela Mistral, *A Queer Mother for the Nation* (2002), articula o queer num sentido lato: “Utilizo o queer para me centrar em questões de sexualidade, raça e gênero que, à primeira vista, parecem “fora do centro”, mas que são, na verdade, críticas ao nacionalismo” (Fiol-Matta, 2002: xxviii, tradução minha). A recusa em separar as sexualidades e os gêneros da nação e dos processos de modernidade e colonização é fundamental para uma crítica queer de cor. Neste sentido, o olhar sobre a Avenida Libertador apresentado neste artigo adota esta perspectiva e, adicionalmente, é informado por outro ramo da teoria queer chamado diáspora queer. Nos últimos 10 anos, foram desenvolvidos vários trabalhos sobre sexualidades em processos de transnacionalismo, globalização e racialização, que utilizaram o conceito de “diáspora queer” para se referir às conectividades e mobilidades utilizadas por pessoas “fora do centro” no sentido sexual (ver

⁵ Os estudos trans ajudaram muito a separar essas designações sociais e a biologização do gênero. Um bom resumo dos termos desses estudos pode ser encontrado em Susan Stryker (2008). Em *Imagining Transgender* (2007), David Valentine se dedica ao estudo das abordagens das categorias locais de gênero em um viés de análise etnográfico. Inspiro-me no trabalho de Valentine quanto ao projeto etnográfico de compreender os gêneros locais reconhecendo que seus conceitos se desenvolvem no âmbito trans-africano americano dos Estados Unidos.

⁶ Essa bibliografia cresceu enormemente na primeira década dos anos 2000. Assim, uma lista seria algo muito parcial de textos que foram centrais para mim. Outros textos centrais foram: *Disidentifications* (Muñoz, 1999), *Raising the Dead* (Holland, 2000) e *The Boundaries of Blackness* (Cohen, 1999). As obras foram parte do que se chamou de “queer of color critique” [crítica queer de cor], uma continuação das intervenções teóricas e culturais de Gloria Anzaldúa, Cherrie Moraga, Essex Hemphill e muitas outras. Em *Global Divas* (2003), Martin Manalansan IV também utiliza queer of color critique em um contexto etnográfico específico.

Sánchez Eppler e Patton, 2000; Gopinath, 2005; Manalansan, 2003; Cvetkovich, 2003; La Fountain-Stokes, 2009; Luibhéid e Cantú, 2002).

Assim, articulei a minha abordagem como pesquisadora e um projeto que engloba a produção da feminilidade nacional entre transformistas e rainhas da beleza ou *misses* na Venezuela. Este projeto é, portanto, uma etnografia queer e diaspórica da beleza e da feminilidade. Centra-se na produção da modernidade em corpos e lugares venezuelanos. Um dos locais chave para este estudo foi a avenida Libertador, em Caracas.

A avenida

A minha abordagem à avenida Libertador começou por ser uma “simples” descrição do local onde tinha feito parte do meu trabalho de campo, mas conduziu a algumas questões importantes: por que parecia todos em Caracas sabiam onde encontrar uma trabalhadora sexual trans? Por que as transformistas eram tão visíveis nesta avenida e como é que se tornaram parte da fauna natural daquela paisagem urbana? Percebi que a ocupação transformista deste espaço revela muito sobre a avenida e a sua construção como espaço. A geografia e a arqueologia queer/feminista têm vindo a estabelecer uma agenda no projeto de análise do espaço e dos lugares.⁷ Seguindo essa linha de pensamento, presto atenção à construção física e ideológica do lugar, tanto quanto às transformistas que me interessaram desde o início. Defendo que as transformistas fazem parte da modernidade que criou este espaço e que a sua presença na avenida aponta para a negociação da modernidade sobre os corpos e os espaços na Venezuela. É por isso que as tomo aqui como parte da história da avenida, usando este espaço para vários fins táticos e sociais.

Como é que as transformistas passaram a “habitar” a Avenida Libertador? Nas minhas observações, encontrei muitas razões táticas para utilizar este local em particular. Elas disseram-me que trabalham na avenida porque é lá que as transformistas trabalham, é lá que os clientes vão. Mas para além deste conhecimento prático, a prática do trabalho sexual na avenida é sobredeterminada por vários fatores. Entre as vantagens específicas que o corredor lhes oferece para este trabalho está a visibilidade pública. As transformistas usam a Avenida Libertador como plataforma para projetar uma imagem que lhes proporciona tanto um estilo de marketing do trabalho sexual como uma espécie de fama, ou talvez infâmia. Entre as habilidades necessárias para a sobrevivência, elas contam com essas práticas de projeção. Por sua vez, estas práticas são condicionadas precisamente pelo significado que a Avenida Libertador tem para os habitantes da cidade de Caracas e para a nação venezuelana.

Descrição física

Quatro artérias centrais alimentam a ampla avenida em sua extremidade oeste, onde ela assume a forma de uma autoestrada com três pistas no sentido leste e três pistas no sentido oeste. Perto da Plaza Venezuela, a avenida tem saídas intermitentes para três pistas secundárias que correm paralelamente a cada lado das pistas centrais e em nível da

⁷ Brevemente, alguns textos centrais para este campo de estudo: Doreen Massey (1994), Bell e Valentine (1995), Schmidt e Voss (2000).

avenida. Essas pistas secundárias cruzam muitas ruas no distrito de Sabana Grande. Você começa a ver transformadores na Plaza Venezuela e ao longo de toda a avenida nesse setor. Essa parte da Libertador se estende por cerca de 1 km, entre a Plaza Venezuela e La Campiña. Nas amplas calçadas de ambos os lados do viaduto e nas passarelas ou passarelas para pedestres que cruzam a avenida de um lado a outro, 10 m acima das pistas inferiores, as transformistas param para atender aos clientes dos carros que passam pela avenida. As pistas transversais que cruzam a Libertador permitem que os carros entrem e saiam de toda a avenida, dando voltas e mais voltas, enquanto os clientes em potencial decidem contratar os serviços de uma transformista. Esse desenho continua por cerca de seis quadras, depois as pistas secundárias se juntam à rodovia e a Avenida Libertador continua por Chacao, finalmente se conectando ao distribuidor Altamira, que canaliza o tráfego para Altamira ao norte e para o sistema rodoviário a leste e sul.

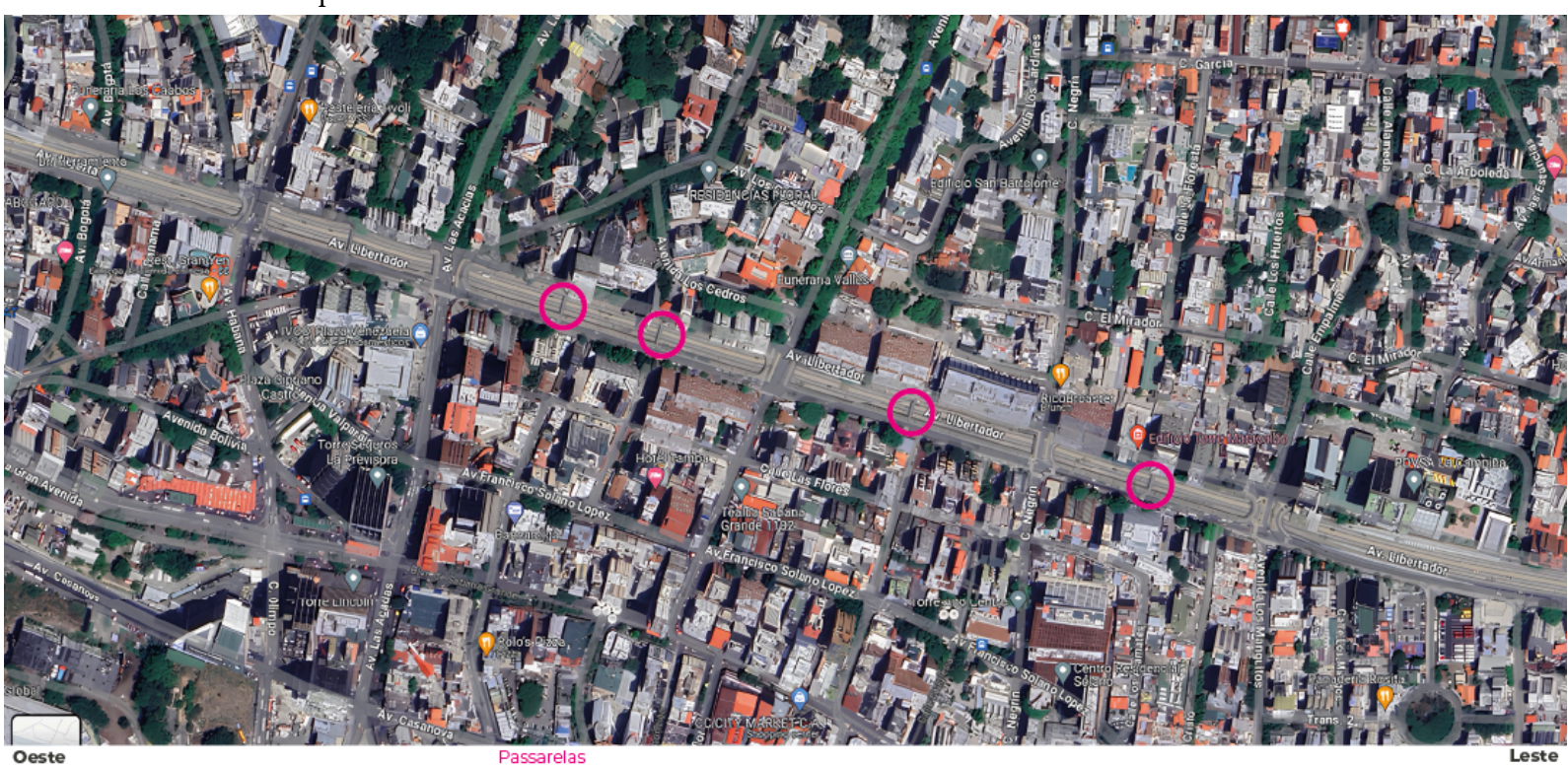


Figura 1. Área aproximada de ocupação das transformistas. Avenida Libertador, Caracas. Redesenhado a partir de Ochoa (2010) utilizando Google Maps.



Figuras 2 e 3. Passarela e escadarias da avenida Libertador. Fotografias de Gustavo Marcano.



Figura 4. Avenida Libertador vista de uma passarela. Fotografia de Gustavo Marcano.

Na avenida, vários elementos convergem: a Libertador se torna uma autoestrada, uma estrada quase caminhável por pedestre com calçadas largas e faixas secundárias em ambas as direções e várias passarelas que ligam o norte e o sul da avenida. É aí que começam as áreas residenciais de Sabana Grande e La Florida, e o espaço público do Centro gradualmente se torna o espaço privado do leste de Caracas.⁸

A modernização do espaço urbano de Caracas: a construção da avenida Libertador

"A Avenida Libertador nasceu com a democracia", foi assim que me explicou um amigo arquiteto. A princípio, fiquei confusa com a articulação entre desenvolvimento urbano e democracia nessa ideia. O que uma coisa tem a ver com a outra? A avenida Libertador, assim como a democracia, tem o mesmo pai: aquele impulso em direção à ordem e ao progresso chamado modernidade. Embora a avenida Libertador tenha nascido com a democracia, ela foi concebida durante a ditadura.

⁸ Em Ochoa (2006), descrevi em mais detalhes o lugar da avenida Libertador na geografia social de Caracas.

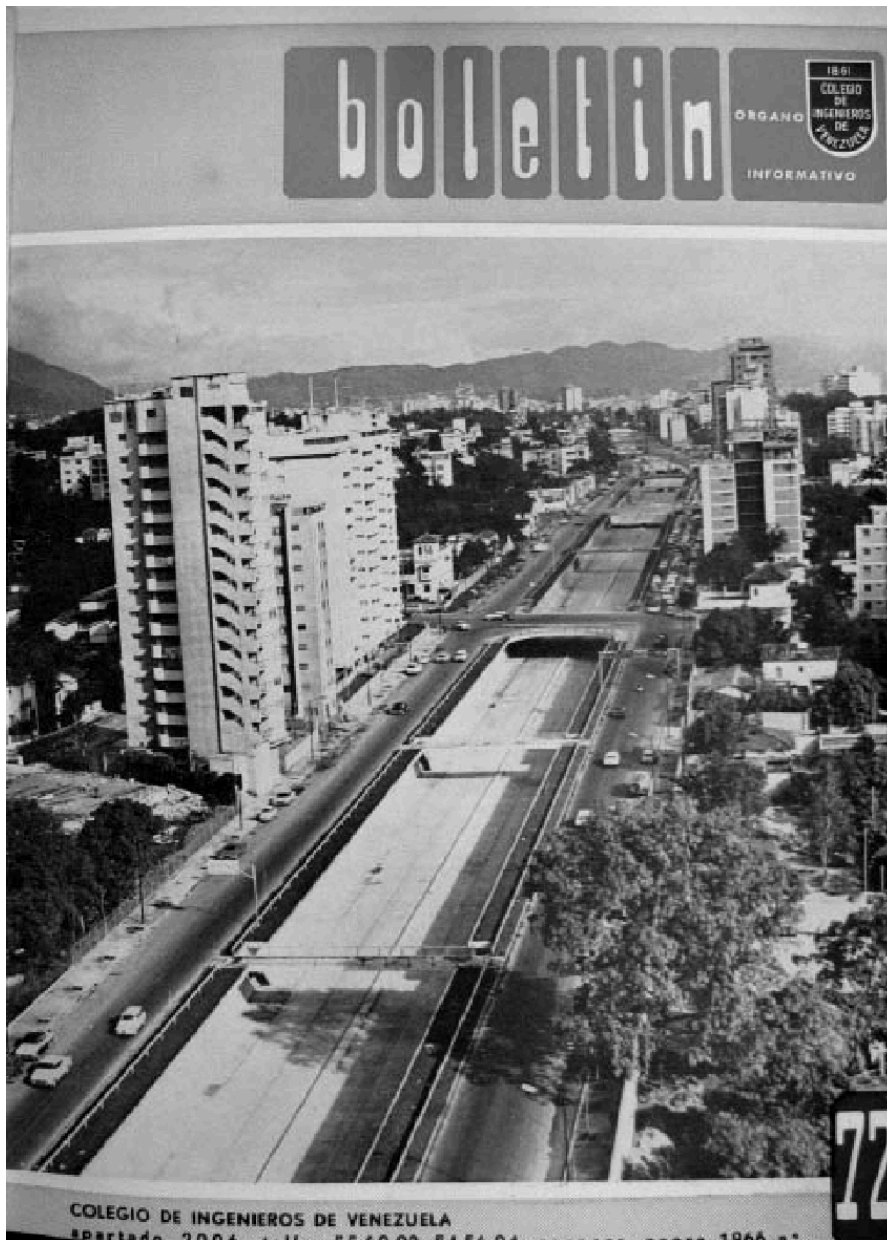


Figura 5: “Una gran avenida para una gran capital”. Fonte: Boletín CIV, 1966.



Figura 6. “Una gran avenida para una gran capital”. Fonte: Boletín CIV, 1966.

Na transição da ditadura para a democracia, a avenida Libertador simboliza a capacidade do governo democrático de reivindicar um projeto que havia fracassado durante a ditadura. A conclusão do projeto da avenida foi a prova da capacidade do governo democrático de prestar contas ao povo e de produzir: “Uma grande avenida para uma grande capital” (Figuras 5 e 6). A avenida só foi concluída em 1966. Desde o início de sua construção, 14 anos se passaram até o momento em que a presença das transformistas no local pode ser estabelecida com certeza.⁹ Nesse momento, a paisagem de Caracas está se ajustando à introdução maciça do automóvel, tanto quanto à explosão populacional da “Venezuela Saudita”.

Nesta seção, descrevo a construção da Avenida Libertador e argumento que ela fazia parte do simbolismo da produção da modernidade na Venezuela democrática na década de 1960.¹⁰ O Ministério de Obras Públicas (MOP) registra que a construção da avenida Libertador começou em 1957, o último ano da ditadura de Marcos Pérez Jiménez. A junta democrática que derrubou Pérez Jiménez continuou lentamente o trabalho depois de assumir o poder em 1958. O MOP democrático herda uma estrutura administrativa que girava em torno das necessidades do ditador e uma economia presa em uma rotina

⁹ Não encontrei nenhuma transformista que tenha trabalhado nesta época. Um interlocutor que morava na região quando criança se recordava das “señoras transformistas” nos anos 1970. Outro entrevistado mencionou ter visto transformistas na avenida entre 1978 e 1979.

¹⁰ A cronologia dos eventos parte de duas fontes principais: o *Boletín del Colegio de Ingenieros de Venezuela* (CIV) e a *Memoria y Cuenta* do Ministério de Obras Públicas (MOP) da República da Venezuela entre 1959 e 1967. Sou grata a Matilde Requeno, presidenta da Biblioteca Juan Manuel Cajigal do Colegio de Ingenieros de Venezuela, por sua ajuda na revisão do Boletín.

pós-ditadura. O governo democrático narra o papel do MOP em sua *Memoria y Cuentas*, descrevendo essa instituição como o motor do progresso técnico e econômico do país. Em *El Estado Mágico*, Fernando Coronil destaca essa tendência nas administrações públicas venezuelanas do século XX. O autor procura enraizar o "Estado mágico" na longa trajetória da história venezuelana, especialmente no desenvolvimento da economia do petróleo no início do século XX e durante a ditadura de Juan Vicente Gómez. O MOP pós-Perezjimenista serve como outro exemplo da lógica cultural do Estado mágico. A narrativa do MOP apresenta as obras públicas como o motor do progresso econômico e de infraestrutura: elas produzem modernidade para a Venezuela de forma demonstrável e simbólica.

O projeto da avenida Libertador passou a representar o progresso do governo democrático de várias maneiras.¹¹ As características estéticas que sinalizam a modernidade nessa obra são, em primeiro lugar, a criação de um senso de ordem usando materiais modernos como pavimentação; em segundo lugar, a introdução de proporções maciças em sua construção; e, por fim, a administração e a aplicação do projeto pelo MOP democrático. Em primeiro lugar, o projeto visa a criar "ordem" em uma área quase intransitável da cidade. A Avenida Libertador altera o fluxo de tráfego no leste de Caracas, impondo uma linha reta e larga. Mesmo após sua inauguração, o projeto continua seus esforços para impor "ordem" na paróquia de El Recreo, que é descrita como uma área de "total ausência de planejamento urbano e social" (Boletín, 1970: 49). No final do século XIX, essa área era organizada como uma série de fazendas cercadas por moradias de camponeses. À medida que a população de Caracas se expandia para o leste, sítios e casebres foram construídas nessa área. Em 1886, o Ferrocarril Central de Venezuela cruzou essa área, bem perto do que hoje é conhecido como avenida Libertador (Troconis de Veracochea, 1993: 179).

Esse setor foi desenvolvido em blocos de quintas e bairros de sítios e fazendas. Quando a avenida Libertador começou a ser construída, muitas dessas residências foram deslocadas. O Boletín de 1970 mostra o contraste entre a estética moderna dos engenheiros e a suposta incapacidade dos moradores da área de se adequarem à modernidade. A estética moderna se manifesta nas representações da avenida, bem como nas representações da equipe de engenharia. A figura 7, em particular, contrasta a estética moderna dessa obra com o fracasso, no sentido de modernidade, representado pelas "residências insalubres", ilustradas no lado direito da página, que circundam a magnífica nova avenida.

¹¹ O conceito do significado da modernidade é elaborado pela antropóloga Anna Tsing em seu livro *In The Realm of the Diamond Queen* (1993). Tsing delinea a estética da modernidade do ponto de vista de um grupo de pessoas marginalizadas pelos processos de desenvolvimento e modernidade na Indonésia.

Em uma das fotografias apresentadas na reprodução da figura 7, pode-se ver um jovem de costas, seminu e escalando uma montanha de entulho. Esse é o entulho de um canteiro de obras, talvez da própria avenida ou de edifícios próximos. Outra fotografia mostra um pequeno casebre construído sobre os escombros, com uma criança em pé na porta. O casebre parece estar inscrito com um endereço: "Zona D 52", indicando que algum tipo de ordem já estava sendo imposta ao caos do local. Também parece ter eletricidade, talvez pirateada, entrando por um fio no telhado. Essa pequena estrutura de entulho, madeira ou papelão encontrados e um telhado de lata é chamada no artigo de "habitação insalubre". A justaposição dessas imagens: os engenheiros de terno e gravata, gigantescos ao lado de uma maquete da área, e as crianças engolidas pela bagunça e pelos detritos podem, na verdade, produzir modernidade e desordem e, ao mesmo tempo, comunicar algum tipo de nostalgia. Parece que os engenheiros se imaginam no lugar dos meninos e que seu trabalho também é salvar esses meninos da pobreza. A ideia de que o progresso é um direito humano, que nenhuma criança deveria viver em tais condições e que é responsabilidade dos engenheiros e do Estado proporcionar melhores condições é a força motriz por trás dessa estética da ordem e do progresso. Mas, nesse caso, parece ter sido apenas um impulso, pois os moradores desses casebres não deveriam morar nos prédios planejados. Parte desses edifícios foi reservada para moradia universitária e escritórios profissionais, aproveitando a proximidade da Universidad Central e do Colegio de Ingenieros.

A segunda maneira pela qual a avenida se tornou um sinal de modernidade é a introdução de proporções maciças em sua construção. O Boletín comemora a inauguração da Avenida Libertador destacando sua grandeza. A imagem desaparece no horizonte, projetando a obra em seu comprimento e largura. Essa grandeza corresponde não apenas ao tamanho do edifício, mas também à sua elegância como solução para o problema de tráfego causado pela superlotação urbana. A avenida facilita o transporte de massa, o que é necessário em uma cidade moderna. As estatísticas de tráfego da área metropolitana de Caracas em 1966 indicam uma carga diária de tráfego de 80 a 100 mil carros na avenida. Assim, a maciez, a capacidade da avenida de acomodar tanto tráfego e a enormidade da obra, por si só, marcam sua modernidade. Essa visibilidade do Libertador como uma construção fundamental para a cidade serve como uma vantagem tática para as transformistas.

A terceira maneira pela qual a avenida Libertador significa modernidade para o governo democrático refere-se às mudanças administrativas que estão ocorrendo no MOP. A avenida, como uma obra de transição entre a ditadura e a democracia, é um exemplo dessas mudanças. A *Memoria y Cuentas* do período de transição critica o planejamento urbano e as práticas administrativas do MOP durante o governo de Pérez Jiménez. Nas mãos do Ministro Leopoldo Sucre Figarella, o MOP assumiu um processo de planejamento sistemático e começou a realizar estudos para as obras propostas. O Plano Quadrienal foi desenvolvido e apresentado no Relatório de 1964. Nele, Sucre Figarella critica o governo anterior por ter tomado decisões ruins, criando um déficit e "estrangulando" a economia (Ministerio de Obras Públicas, 1965: I-1). O MOP democrático se distingue de seus antecessores pela prática da "prestação de contas". Isso envolve relatórios detalhados de progresso e gastos, além de extensas justificativas para estudos e planejamento de obras. É importante que o MOP democrático prove que é capaz de realizar projetos dentro do cronograma.

A Avenida Libertador foi uma das muitas obras concluídas durante o Plano Quadrienal do MOP democrático, entre 1965 e 1968. Publicado em 1964, esse plano seguiu as reformas administrativas de 1963 e comunicou uma contabilidade que até então não era característica. Quanto à Avenida Libertador, isso se manifestou em um desempenho de todas as contas anteriores do trabalho e calculou os custos e o cronograma para a execução do projeto. A avenida foi inaugurada em janeiro de 1966 com o então presidente, Raúl Leoni.

Passarelas: a ocupação transformista da avenida Libertador

Não é possível dizer com certeza quando uma transformista se instalou pela primeira vez na avenida Libertador, mas há evidências de que no final da década de 1970 elas já estavam lá. Certamente, a dinâmica da experiência trans na avenida mudou nos últimos 30 anos, mas esse lugar serviu de plataforma para transformistas durante todo esse tempo. Nesta seção, elaboro duas categorias de presença trans na Libertador: os locais que elas ocupam ao longo da avenida e as posições que assumem nesses locais. Também elaboro uma postura emergente na Libertador. Por motivos de espaço, apenas o principal local de ocupação será elaborado: a passarela.

A passarela

O local mais importante de ocupação das transformistas no Libertador, quando iniciei a temporada de trabalho de campo, em janeiro de 2003, era a passarela (ou travessia de pedestres). A passarela tem várias funções para as transformistas. Inicialmente, ela cria uma distância entre as transformistas e a polícia. Se a polícia se aproximar, por exemplo, no *perolón* (caminhão onde são presas se forem pegas na avenida), as transformistas podem cruzar para o outro lado da passarela e evitar o contato. Mas isso também serve para aproximar a transformista de seus clientes. Se um cliente interessado chegar e voltar na direção oposta, ela poderá encontrá-lo do outro lado. As passarelas também são limites – se alguém ocupa uma passarela, você continua pela rua até a próxima, evitando confrontos. Mas elas também servem para definir grupos, já que várias amigas trabalhando juntos podem ocupar uma única passarela. No entanto, a função mais importante da passarela para é que ela os ajuda a gerenciar a visibilidade e a invisibilidade.

É significativo que elas sejam chamadas de "passarelas" – talvez em outro lugar se falasse de travessia de pedestres em vez de passarelas. A palavra "passarela" refere-se simultaneamente às travessias, às passarelas da moda e ao estilo de andar sobre elas. Quando alguém "tem uma passarela", é porque sabe como andar de uma forma que reorganiza o espaço e a temporalidade, de modo que tudo ao seu redor gire em torno de seu movimento. É alguém que sabe como atrair a atenção. Essa é a habilidade mais importante para o sucesso na avenida – saber como atrair a atenção quando ela é útil, e se esconder quando não é.

Quando uma transformista quer ser vista, ela caminha pela passarela indo até uma das extremidades, onde pode ter contato com algum cliente. Ela caminha lentamente, enfatizando o *tumbao* [gingado] de seu passo, girando entre um salto e outro. Distraída, ela olha para a rua, para os carros que passam e para as outras passarelas. No final da passarela, ela pode fazer uma pose e se exhibir para os carros. As transformistas não fazem sinal para que os carros parem. Eles simplesmente ficam no final da passarela e fazem pose. É dessa forma que elas controlam sua visibilidade. Portanto, as passarelas inteligentemente projetadas pelos engenheiros da avenida Libertador servem não apenas como um local tático para as transformistas, mas também como uma plataforma para projeção imaginária em um ambiente muito inóspito.

Se uma transformista quiser se esconder, desce as escadas nas extremidades de cada passarela. Essas escadas levam ao nível inferior da pista, que às vezes é usada como rota de fuga. As escadas podem ser consideradas o segundo local de ocupação transformista. Elas são usadas para se esconder da polícia, como saída de emergência, como local alternativo para trabalhar com os clientes e como local de descanso. Dessa forma, uma transformista pode ter uma ótima visão do espaço e se tornar totalmente visível na passarela, mas tem uma maneira de se tornar invisível, quando necessário. A ocupação trans da Libertador foi realizada por sua presença em vários lugares: nas passarelas, escadas, calçadas e praças. Mas a presença em si não foi suficiente para estabelecer as transformistas nesses lugares da Libertador. Para conseguir isso, eram empregadas posturas transformistas.

Posturas

Nesta seção, analiso duas posturas principais que as transformistas usam para impor sua presença e proponho uma terceira. As duas posturas principais são a "passarela" ou caminhada de modelo, e a exibição do torso nu e dos seios. A "passarela" consiste em uma caminhada estilizada em uma das passarelas ou calçadas, combinada com os giros, voltas e poses mencionadas anteriormente. As transformistas usavam a passarela das modelos ou rainhas de concursos e misses (que são, na verdade, dois tipos de passarela) ao se deslocarem de um lugar para outro na avenida. Esse estilo de andar, que para e reorganiza o tempo e o espaço por um momento, era diferente de outras formas de mobilidade na avenida e seu objetivo era atrair a atenção. Essa forma de movimento é obviamente performativa, refere-se e serve para produzir feminilidade e distinção. Mas a passarela também se refere à cultura nacional de beleza e, portanto, torna-se um mecanismo de entrada no imaginário nacional venezuelano em um palco público. A pose e a passarela criam visibilidade para as transformistas, dando-lhes legibilidade social quando são reconhecidas como mulheres glamourosas. E, embora as mulheres glamourosas da avenida Libertador sejam conhecidas como transformistas, essa postura normaliza sua visibilidade dentro da estética venezuelana de beleza e feminilidade. Esses atos produzem visibilidade e legibilidade para elas nas ruas de Caracas.

Além de fazer a passarela, as transformistas também ficam em pé e posam. Às vezes, enquanto posam, algumas transformistas abrem suas blusas para revelar seus seios, que são resultado do uso de hormônios ou cirurgia. Ocasionalmente, uma transformista remove a blusa e exhibe os seios por um período de tempo. Essa prática de exhibir o corpo também gera visibilidade para e constitui a segunda postura que identifiquei. A exibição do tronco e dos seios tem várias funções. Ela ocorre em locais específicos: nas extremidades das passarelas e na calçada da PDVSA – locais onde elas poderiam facilmente evitar o contato com a polícia. É óbvio que essa prática serve como marketing para os serviços sexuais que estão sendo oferecidos. É também um sinal visual que as marca como mulheres – não apenas como garotas na aparência, mas fisicamente, como mulheres encarnadas. Dessa forma, sua identidade feminina é reiterada. Além disso, a exibição do torso e dos seios choca as pessoas que passam em seus carros e cria um espetáculo. A natureza espetacular dessa performance transformista é demonstrada pelos carros cheios de pessoas – às vezes famílias inteiras ou grupos de amigos – que param para assisti-las à noite. As transformistas jogam beijos ou insultos nos carros. Nunca observei nenhum tipo de transação econômica resultante das interações com esses grupos, mas isso com certeza fazia parte da performance das transformistas na avenida, mesmo que nem todos participassem. Quando perguntei a uma delas o porquê se exhibir dessa forma, ela disse que precisava demonstrar seus "talentos". É importante observar que essa postura diferencia radicalmente transformistas e “mulheres biológicas”¹² que faziam trabalho sexual no

¹² Nota do Tradutor. Ochoa refere-se aqui ao que hoje poderíamos conceituar como cisgeneridade. Em sua análise, contudo, a biologicidade que muitas vezes é atribuída como marcador de verdade do gênero é colocada em suspensão em favor de uma observação êmica que coloca em relação transformistas e outras

Libertador. As mulheres biológicas não correm os riscos inerentes à exibição pública. Nesse sentido, a prática também demarca e produz espaços para transformistas na avenida. Ao impor sua atividade obviamente proibida, elas estabelecem que são elas mesmas que mandam naquele espaço, que podem se exhibir com tranquilidade, sem sanções.

Postura ativista

A terceira postura que quero levantar tem a ver com a presença de transformistas, transgêneros e aliados interessados em melhorar as condições de vida trans. Pelo que sei, essa é uma posição relativamente nova na avenida - incluo minha própria presença nessa categoria. Essa postura inclui a distribuição de preservativos e uma vigília que ocorreu na avenida em 2004. A postura ativista pareceu eficaz quando analisamos o vídeo da Vigília Trans, documentado por Argelia Bravo, da organização venezuelana TransVenus. Aproximadamente dez transformistas e trinta aliados se instalaram em duas pistas da avenida e exibiram seus cartazes, que reivindicavam seus direitos de acordo com a Declaração Internacional dos Direitos Humanos. Durante a vigília, várias transformistas e mulheres transexuais ficaram no meio da rua, bloqueando duas pistas com uma grande faixa e faixas menores exigindo seus direitos: o direito à identidade, o direito ao trabalho digno. Ao mesmo tempo, os carros continuaram a circular em uma faixa, enquanto uma transformista se dirigia aos motoristas: "Lee, papi" (leia, papai). Quando um carro se aproxima para ler sua faixa, ela diz: "Desça", em alusão à estratégia de atender os clientes no nível inferior da avenida. Após a vigília, a jornalista Vanesa Davies entrevistou os organizadores e publicou dois artigos de página inteira sobre a vida de transgêneros e transformistas na Venezuela no *El Nacional* (Davies 2004a; 2004b). Um dos artigos enfoca a avenida Libertador. Observo esses artigos para sugerir que as táticas de visibilidade usadas pelas transformistas na avenida Libertador também podem ser usadas para iluminar as violações contra elas e seus direitos.

Mediações transformistas

As transformistas aprimoraram a arte de ocupar a avenida Libertador para transformar esse espaço de violência em uma passarela onde podem brilhar. Nessa transformação, elas se colocam no imaginário urbano e nacional de forma indelével. Lembremo-nos das palavras da Venezuela: "Meu nome é Venezuela. Sou uma transformista. Trabalho aqui nesta boate. É meu meio, mas não é meu objetivo". Venezuela sobrevive nesse meio usando a projeção imaginária - a habilidade de transformar um espaço de violência em uma passarela. A última cena do documentário *Trans* demonstra essa transcendência em outro lugar: a fonte da Plaza Venezuela, onde as mulheres trans se impõem - de forma intransigente - a outro símbolo da nação. Em meu trabalho com as transformistas na Venezuela, sempre me chamou a atenção esse senso feroz de ser e estar na nação, apesar de sua rejeição. Eu me perguntava: como as transformistas criam seu lugar na Venezuela? A mediação e a projeção imaginária são suas ferramentas. Dessa forma, as

mulheridades. Assim, as aspas podem ser entendidas como um mecanismo de explicitação que localiza a origem discursiva do biológico, mas também seu caráter artificial no que tange à produção do gênero.

transformistas projetam sua presença mítica no imaginário urbano e nacional. Usando os meios massivos de tráfego que passam pela avenida Libertador há décadas, elas criaram sua fama de mulheres desejáveis, dispostas e perigosas. Nessa conjuntura de poder e modernidade na Caracas do final do século XX, as transformistas abriram o campo para se projetarem para o público nacional. Neste artigo, estabeleci que as transformistas usam a avenida Libertador para vários propósitos táticos e simbólicos. Por meio do uso desse local e da visibilidade pública que ele lhes proporciona, as transformistas também realizam um tipo diferente de trabalho: elas estabelecem sua participação no que significa ser venezuelano e viver em Caracas.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. 1987. *Borderlands/La Frontera: the new Mestiza*. San Francisco: Spinsters-Aunt Lute.
- BELL, David; VALENTINE, Gill. 1995. *Mapping desire: geographies of sexualities*. Londres: Routledge.
- BUTLER, Judith. 1990. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Londres: Routledge.
- BUTLER, Judith. 1993. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. Londres: Routledge.
- BUTLER, Judith. 1997. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. Londres: Routledge.
- BUTLER, Judith. 2004. *Undoing Gender*. Londres: Routledge.
- CARRASCO, Edgar; OCHOA, Marcia. 2003. "Informe sobre impunidad: Venezuela". *Proyecto ILGALAC-OASIS-Unión Europea/Acción Ciudadana Contra el SIDA*. Caracas: Acción Ciudadana contral el SIDA.
- CHAKRABARTY, Dipesh. 2002. *Habitations of modernity: essays in the wake of subaltern studies*. Chicago: University of Chicago Press.
- COHEN, Cathy. 1999. *The Boundaries of blackness: AIDS and the breakdown of black politics*. Chicago: University of Chicago Press.
- COLEGIO DE INGENIEROS DE VENEZUELA (1966-1970). *Boletín*. Caracas: Colegio de Ingenieros de Venezuela.
- CORONIL, Fernando. 2002. *El Estado mágico: naturaleza, dinero y modernidad en Venezuela*. Caracas: Nueva Sociedad.
- CVETKOVICH, Ann. 2003. *An Archive of feeling: trauma, sexuality and lesbian public cultures*. Durham: Duke University Press.
- DAVIES, Vanessa 2004a. "Los 'trans' salen a conquistar su puesto en la sociedad venezolana". *El Nacional*, 5 set. 2004, p. B-17.
- DAVIES, Vanessa. 2004b. "Derechos de las travestis son violados cada noche en la avenida Libertador", *El Nacional*, 6 set. 2004, 6, p. B-12.
- EPPS, Brad; VALENS, Keja; GONZÁLEZ, Bill Johnson. 2005. *Passing lines: sexuality and immigration*. Massachusetts: David Rockefeller Center for Latin American Studies and Harvard University Press.

- FIOL-MATTA, Licia. 2002. *A Queer mother for the nation: the state and Gabriela Mistral*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- GOPINATH, Gayatri. 2005. *Impossible Desires: queer diasporas and South Asian public cultures*. Durham: Duke University Press.
- HOLLAND, Sharon. 2000. *Raising the dead: readings of death and (black) subjectivity*. Durham: Duke University Press.
- KULICK, Don. 1998. *Travesti. Sex, gender and culture among Brazilian transgendered prostitutes*. Chicago: University of Chicago Press.
- LA FOUNTAIN-STOKES, Lawrence. 2009. *Queer Ricans: cultures and sexualities in the diaspora*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- LORDE, Audre. 1982. *Zami, A new spelling of my name*. Berkeley: Crossing Press.
- LORDE, Audre. 1984. *Sister Outsider*. Berkeley: Crossing Press.
- LUIBHÉID, Eithne; CANTÚ JR, Lionel. 2002. *Queer Migrations: sexuality, U.S. Citizenship and border crossings*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- MANALANSAN IV, Martin. 2003. *Global Divas: Filipino gay men in the diaspora*. Durham: Duke University Press.
- MANAURE, Mateo; HERREROS, Manuel. 1983. *Trans: Las Transformistas de Caracas*. Caracas: Bolívar Films. [Documentário].
- MÁRQUEZ, Patricia. 1999. *The Street is my home: youth and violence in Caracas*. Stanford: Stanford University Press.
- MASSEY, Doreen. 1994. *Space, place and gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- MOP (Ministerio de Obras Públicas República de Venezuela - 1959-1967). *Memoria y Cuenta*. Caracas: Imprenta Nacional.
- MUÑOZ, José. 1999. *Disidentifications: queers of color and the performance of politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- OCHOA, Marcia. 2006. *Queen for a Day: Transformistas, misses and mass media in Venezuela*. Disertación doctoral, Stanford University.
- OCHOA, Marcia. 2004. "Ciudadanía perversa: divas, marginación y participación en la 'loca-lización'". Em: MATO, Daniel. (Coord.). *Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización*. Caracas: FACES - Universidad Central de Venezuela.
- PONCE, María (2005). "Condiciones Diferenciales de Vida en la Ciudad de Caracas". *Temas de Coyuntura*, n. 52: 33-66.
- PRIEUR, Annick. 1998. *Mema's House, Mexico City: on transvestites, queens, and machos*. Chicago: University of Chicago Press.
- REPÚBLICA DE VENEZUELA. 1956. *Obras dadas al servicio durante el cuarto año de gobierno del general Marcos Pérez Jiménez, e inauguraciones que se efectuarán entre el 2 y el 11 de diciembre de 1956*. Caracas: Impresora Nacional.
- RODRÍGUEZ, Juana. 2003. *Queer Latinidad: identity practices, discursive spaces*. Nova York: New York University Press.
- SALAS DE LECUNA, Yolanda. 1987. *Bolívar y la Historia en la Conciencia Popular*. Caracas: Universidad Simón Bolívar - Instituto de Altos Estudios de América Latina.

- SÁNCHEZ-EPPLER, Benigno; PATTON, Cindy. 2000. *Queer Diasporas*. Durham: Duke University Press.
- SCHMIDT, Robert; VOSS, Barbara 2000. *Archaeologies of Sexuality: an Introduction*. Londres: Routledge.
- STRYKER, Susan. 2008. *Transgender History*. Berkeley: Seal Press.
- TROCONIS DE VERACOCHEA, Ermila 1993. *Caracas*. Caracas: Grijalbo.
- TSING, Anna. 1993. *In the Realm of the Diamond Queen: marginality in an out of the-way place*. Princeton: Princeton University Press.
- VALENTINE, David. 2007. *Imagining Transgender: an ethnography of a category*. Durham: Duke University Press.
- VOGEL, Katrin. 2009. "The Mother, the daughter, and the cow: venezuelan transformistas migration to Europe". *Mobilities*, n. 4: 367-87.

sobre a autora

Marcia Ochoa

Doutora em Antropologia com especialização em estudos de mídia. Atualmente leciona na Universidade da Califórnia em Santa Cruz. Seu trabalho analisa o papel do imaginário na vida e sobrevivência de pessoas queer e trans na América Latina. Também atua em iniciativas de defesas dos direitos de pessoas trans e participou da fundação do projeto El/La Para TransLatinas que incide sobre imigrantes latines em San Francisco.

sobre o tradutor

Thiago Oliveira

Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Fez mestrado em Antropologia na Universidade Federal da Paraíba, onde também se graduou como bacharel em Tradução. É professor e desenvolve pesquisas sobre corpo, política, lugar e diferença.

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Recebido em 11/08/2024.

Aprovado para publicação em 26/11/2024.